UM POEMA INÉDITO DE TOMÁS PINTO BRANDÃO

Silvia La Regina[1]

O poeta português Tomás Pinto Brandão (1664 – 1743) talvez estivesse um pouco esquecido quando ganhou nova vida literária, ao comparecer como personagem em *Memorial do Convento*, de José Saramago, apesar de sua obra principal, *Pinto renascido, empenado e desempenado*, publicado pela primeira vez em 1732, ter conhecido à época relativa fortuna, com quatro edições no espaço de 21 anos, a saber, em 1732, 1733, 1752 e 1753 (cf. PERES, 1971, p.221). Para a literatura brasileira dos séculos XVII e XVIII, porém, Pinto Brandão tem uma importância notável, não só porque morou no Brasil, como também porque foi amigo e "colega" de Gregório de Mattos. Digo colega pensando não só na atividade de criação poética, como também, e talvez mais, nas "travessuras" (PINTO BRANDÃO, 1753: p.3) documentadas, com a fértil imaginação um tanto picaresca própria do gênero, na biografia dos dois autores. Interessante, aliás, como na biografia de Pinto Brandão, *Vida socinta, e abreviada, do Autor*, escrita por "hum dos Acadêmicos Aplicados Seu Contemporâneo" e publicada na edição de 1753 do *Pinto Renascido*, fica evidente a influência de Gregório no caráter e na criação poética do jovem português (Pinto Brandão tinha 17 anos quando veio ao Brasil, enquanto Gregório já estava com 45 na época de seu regresso à Bahia):

> Tinha feyto na Corte conhecimento com o Bacharel *Gregorio de Matos Guerra*, natural da Bahia, que vindo estudar a Faculdade da Jurisprudencia, na Universidade de Coimbra, se achava Opositor a alguma Judicatura na sua Pátria. A semilhança dos gênios ambos juviais, e picantes, apertou tanto os vínculos da sua amizade, que despachado neste tempo o Gregorio, levou comsigo o Thomaz para a Bahia. [...] Influhiu nelle Gregorio de Matos o seu espirito agudo, e picante, a que o seu prespicàz engenho soube iluminar com hum emphasi especifico, que brilhava não só nas suas composições, mas nos seus ditos (PINTO BRANDÃO, 1753, p.3).

Da mesma forma, Manuel Pereira Rabelo, o misterioso biógrafo (porque, se diferentemente do de Pinto Brandão, dele sabemos o nome, ignoramos tudo o mais: cf. LA REGINA, 2006a) de Gregório, ressalta o papel de alguma forma negativo representado pelo poeta português no convívio com o baiano:

---

[1] Professora do Departamento de Letras Românicas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA).

> Assistia-lhe nessas desenvolturas, como sombra com outros do mesmo gênero, aquele trovador de chistes, a quem certo titular da corte lhe mencionou a sua Musa-Talia por ama-seca, digo Tomás Pinto Brandão, que se prezava muito de ministrar-lhe os assuntos apesar dos melhores amigos, que destas companhias lhe prognosticaram sempre a total ruína (RABELO in MATOS, 1990: p.1262).

O próprio Pinto Brandão – "boêmio e polemista", nas palavras de João Palma-Ferreira (PALMA-FERREIRA, in BRANDÃO, 1976, p.9) – conta com satisfação que na Bahia

> fui à milícia
> Onde tive um grande soldo. [...]
> Mas quanto Marte me dava
> Era para Vênus pouco... (BRANDÃO, 1976, p.30).

Sobre a relação literária e humana entre os dois poetas, Camilo Castelo Branco, em seu **Cancioneiro Alegre**, liquidou os dois desta forma: "Era [TPB] o coronal, o pontífice dos poetas biltres do século XVII. Nasceu no Porto, floresceu em Lisboa, e apodreceu em 1743, não sei onde. Rivalizou com o brasileiro Gregório de Mattos, no calão de bordel. As suas poesias honestas são más, as fesceninas avantajam-se em graça às de Bocage" (CASTELO BRANCO, 1879, p.127).

Independentemente das "desenvolturas", o que importa é a coincidência de acontecimentos e textos na vida dos dois poetas: como escreveu Fernando da Rocha Peres, "a existência [de Pinto Brandão] é tão semelhante, em certos pontos, à do seu companheiro Gregório de Mattos e Guerra" (PERES, 1971, p.220) Assim, houve a viagem que fizeram juntos para o Brasil – documentada num trecho da *Vida e morte de Tomás Pinto Brandão, escrita por ele semivivo*, curioso exemplo de autobiografia satírica, publicada pela primeira vez em 1779:

> Busquei a sociedade
> De um tal bacharel Mazombo,
> Que estava para a Baía
> Despachado e desgostoso
> De lhe não darem aquilo
> Com que rogavam a outros,
> Pelo crime de Poeta,
> Sobre jurista famoso.
> Era Gregório de Matos,
> Que também lhe foi forçoso
> Fugir do Norte às correntes
> E buscar do Sul os Golfos.
> Seriam mil e seiscentos
> E oitenta e hum, quando fomos
> Desta Barra do Bugio

Buscar aquela dos monos (BRANDÃO, 1976, p.29)[2]

que, na versão de Rabelo, apresenta algumas leves diferenças:

> [...] affirmarêy que o Doutor Gregorio de Mattos cahîo da graça do Soberano a persuaçaõ de algum prejudicado em suas satyras, sem que atrevida, ou temerozamente recuzace mercêz. Thomas Pinto Brandaõ em hum resumo, que fas da sua mesma vida dîz, que viéra ao Brazil na companhia delle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo, com que rogavaõ a outroz, e isto por ser Poeta, e Jurista famozo.
> Procurei hirme chegando
> a hum Bacharel mazombo,
> que estava para a Bahia
> despachado, e desgostozo.
> De lhe naõ darem aquillo,
> com que rogavaõ a outros,
> pello crime de Poêta,
> sobre Jurista famozo.
> Daqui infiro, que invejas de huã, e indignaçoens de outra prenda occasionaraõ, que o Doutor **/XVI/** Gregorio de Mattos se retirasse desgostozo para a Patria daquellas injustiças que de ordinario padecem na Corte os benemeritos. E com elle mezmo provarei o que digo, que hê Autor sem suspeita, escrevendo humas decimas, a D.Joaõ de Alencastre (MATTOS, 1775, p.XV).

Há, como já citei, o convívio dos dois na Bahia; e há, principalmente, a coincidência de ambos terem sido desterrados para Angola, sendo que deste evento temos documentos e farta atestação para Pinto Brandão, e nenhuma para Gregório, o que me fez levantar a possibilidade do+ que chamei de "contaminação biográfica" entre os dois autores (cf. LA REGINA, 2006b). O estilo dos dois poetas é muito parecido, no âmbito de uma livre circulação textual, de migração de ideias, trechos e rimas, de uma noção de autoria ainda precária e essencialmente fluida. Um poema de Pinto Brandão integra a primeira edição completa das obras de Gregório, a de James Amado de 1968 (a da Academia, organizada por Afrânio Peixoto – 1923-1933 – contém poemas de mais códices, inclusive portugueses, mas excluiu intencionalmente os poemas definidos "pornográficos"), sob o título de "Sátira ao governo de Portugal por Gregório de Mattos reçusitado em Pernambuco no anno de 1713", a sátira em décimas "Um Reino de tal valor", que é atribuída por James Amado e, sucessivamente, por João Palma-Ferreira a Pinto Brandão (MATOS, 1990, p.1232-1245; BRANDÃO, 1976, p.155-170). Além deste, há numerosos poemas ditos gregorianos, incluídos no *corpus*, que poderiam de fato pertencer a Pinto Brandão. Alguns códices gregorianos incluem poemas do poeta português, como é o caso do códice da Biblioteca

[2] Fernando da Rocha Peres (1982, p. 49-58) cita um longo trecho do poema de Pinto Brandão, incluindo aquele aqui reproduzido, tirando-o de um códice da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o n.41 F.A.

Nacional do Rio de Janeiro BNRJ50,63 (f.138r-142r); alguns poemas do códice RBM talvez possam ser atribuídos ao poeta português, como é o caso do inédito "He esta a quarta monção", que transcrevo aqui:

A Thomas Pinto Brandam estando prezo pelo Gov*ernad*or Antonio Luiz G*onçalvez*
para o mandar para a Terra nova

Hé esta a quarta monçam,
que escreve o pobre Thomaz,
para ver se o tempo faz,
o que nam fez a razam:
dai me, Senhor attençam,
que a Musa se dezempenna;
e pois tanto me condemna
vosso rigor a penar
hei de vos satyrizar,
inda que com minha pena.

Alguem hade presumir,
que vos quero molestar
pois hei de vos sò picar,
mas nam vos hei de ferir:
todos me podem ouvir;
pois descrevo hum General
no governo tam neutral,
que em seos effeitos contem
disfarçado todo o bem
com accidentes de mal.

Vinde cá: que mal vos fiz,
ou que odio em vos se enserra,
para me arrancar da terra,
que hè o meo bem de raiz?
olhai Antonio Luiz
isso hè meter me na cóva,
pois sem dar fruto de prova
por ser hum fraco espinheiro,
me enxertaes em limoeiro
para por me em terra nova.

Dais-me a presumir, senhor,
que ElRey com força distinta
tirar vos da vossa Quinta
foi sò para me dispor:
se me plantaes por favor
neste de ferro quintal,
por ser planta natural,
mais bem disposto estarei
fora do Pomar delRey

Là no vosso feijoal.

Dizem me tendes disposto
n'hum pataxo prizioneiro
para o Rio de Janeiro;
pois nam me vem muito agosto:
dando a meos rogos disgosto:
nam deveis de estar lembrado
quando da paixam levado
me mandaveis sem demora
para Angola; e se entam fora
no mar morria affogado.

Pois jà se me tem fadado,
que heide ser por meo partido,
ou com Neptuno perdido
ou com Pirata ganhado:
vença-vos, Senhor, o fado,
que algum sertam ha de haver,
para de vos me esconder,
onde com pezar interno
chore no vosso governo
a pena de vos não ver.

Se exàminaes meo valor,
cançaes-vos, Senhor em vam,
que excede a minha affeiçam
a todo o vosso rigor:
eu com extremos no amor,
vos no rigor pertinàs:
quanto o odio cruel vos faz,
tanto eu sou mais vosso amigo;
porque estaes mais bem comigo
quanto estaes mais contumaz.

Se me quereis defender,
basta querello intentar,
se nam deixai-me matar,
que morro em fim por querer:
e se nada disto houver
na vossa magnificencia,
tirarei por consequencia,
que a potencia natural
nam he, que me fás o mal,
fas me mal vossa Potencia.
(RBM, 45v-47r: PERES-LA REGINA, 2000, p.139-142)

Os dois poetas retratam com sagacidade o Brasil, a Bahia no caso de Gregório, a Bahia e o Rio de Janeiro no de Pinto Brandão, sendo que este é, como bem notou Fernando Peres, um dos poucos autores portugueses de sua época que dão destaque ao Brasil, com grande

variedade de assuntos (PERES, 1971, p.220); Peres inclusive publicou um pequeno *corpus* que denominou de Poemas brasileiros do *Pinto Renascido*, num conjunto de doze textos que têm como assunto ou pano de fundo o Brasil (PERES, 1971, p.231-246)[3].

Chegando finalmente ao assunto citado no título desta comunicação, diz respeito ao Brasil o pequeno texto poético *Romance Em Dialogo, Em que falaõ douz que nam sabem, A saber Hum Macaco, e seu Dono Despedindose de Lx.a Composto Por Thomaz Pinto Brandâm Natural do Brazil*, manuscrito que, ao que me consta, é completamente inédito. O livrinho, encadernado, de 17 fólios frente e verso, medindo 20,4 x 14,7 cm, pertencia à biblioteca de José Mindlin e foi doado por ele a Fernando da Rocha Peres, com quem, após a transcrição do manuscrito, estou estudando o texto, na perspectiva de uma publicação semi-diplomática ainda em 2012.

Devemos inicialmente notar que o título apresenta Pinto Brandão como sendo "Natural do Brazil", o que pode significar que ou o copista desconhecia Pinto Brandão, e por isso o imaginava como sendo brasileiro, ou pelo contrário, conhecendo-o muito bem, pelos anos passados entre a Bahia e o Rio de Janeiro o *naturalizava* brasileiro. O livrinho não apresenta nenhuma marca que o possa identificar, data ou indicação do lugar onde foi copiado; a letra é muito clara e regular.

O Romance em diálogo, em 921 versos, apresenta dois personagens, ambos sem nome e identificados unicamente como Dono e Macaco: um macaco muito loquaz, sábio e inteligente, e seu dono, obtuso e namoradeiro, que são obrigados a deixar Lisboa para ir ao Rio de Janeiro por causa das intemperanças amorosas e das dívidas do dono – que nisso se parece muito com o Pinto Brandão retratado na Biografia sucinta e na própria Vida e morte escrita por ele mesmo semivivo: "extravagâncias do moço" "travessuras muy naturaes em hua idade, que costuma fazer timbre dos excessos" e assim por diante (BRANDÃO, 1753, p.3), sem se falar na "amizade bem estreyta, mas não legitima com Nana Ambundo, sobrinha da Rainha Ginga" (id ibid,. p.6) ou

> Tudo era um paraíso,
> e foi coisa do Demônio,
> sair dele desterrado,
> por um mal vedado pomo [...]
> Aqui para nós, tu, Pinto,
> Picas muito no venéreo.
> (BRANDÃO, 1976, p.31 e 49).

[3] Darci Damasceno também estudou aprofundadamente a obra de Pinto Brandão, inclusive consultando os manuscritas do poeta português: ver a este respeito CASTRO, BARRETO, SOUTO, 1999.

Fica patente, no Romance em diálogo, que o sábio é o macaco, e o dono, arrogante e altivo, é um bobo, incapaz de tomar uma decisão; o macaco não leva a sério nem a si, muito menos o dono, que satiriza por seu apego às mulheres e pela catástrofe de suas finanças, que os obriga a ir ao Rio de Janeiro. Boa parte do poema contém uma despedida, saudosa do dono, sarcástica do macaco, das pessoas e dos lugares de Lisboa. O texto, bem na linha da produção satírica de Pinto Brandão e antes dele de Gregório, lança mão de termos vulgares e de referências a situações no mínimo picantes, em geral pela boca do macaco, suscitando, aliás, a comicidade justamente pelo contraste entre a fala áulica e retórica do dono e a vulgaridade sarcástica do macaco.

Dono Para que he ja falar nisso?
Ao que mais importa vamos,
Que he despedirmos do Mundo.
Macaco E da carne, e do Diabo.
Dono A Deos meritrices Venus,
Amantissimas de Baccos
Humidas, como Neptunos.
E quentes como Vulcanos.
Macaco A Deos acezas Bogias,
Que uendo a meu Amo exausto,
Partistes a buscar fogo
No pavio de outro asno.
Ficais, Bogias de cheiro,
Que enganastes a meu Amo,
Dandolhe a boca ao principio,
Dandolhe o rabo no cabo.
[...]
Dono Outro Anjo louuar puderas,
Que inda que eu queira louualo,
Podendo, de vamgloriozo,
Nam posso, de recatado.
Macaco A inculcaçam estâ boa;
No cabo por seus peccados,
Se nam he a Dama sem cû,
Serâ a do cû queimado.
(BRANDÃO, s/d, 7r-7v)

O diálogo se encerra com a chegada ao Rio, onde o dono vai ser recebido pelo sogro: "Que jâ uejo o pão de assucar / Por baixo do Corcouado". Sabemos, pela biografia do anônimo Acadêmico, que Pinto Brandão morou no Rio de Janeiro quando era governador Luiz César de Menezes, cujo governo foi de 1690 a 1693, e saiu de lá para o degredo em Angola (BRANDÃO, 1753, p.4-5): o poeta, portanto, conhecia bem a cidade, da qual escreve inclusive em outros poemas.

O texto merece ser estudado mais aprofundada e detalhadamente; desde já, de qualquer forma, pode-se dizer que o manuscrito representa uma valiosa contribuição ao nosso

conhecimento sobre Pinto Brandão e sobre a poesia satírica em língua portuguesa da época – evidentemente o *terminus ante quem* é 1743, o que significa, inclusive, que o *Diálogo* é praticamente contemporâneo da *Vida do Doutor Gregório de Mattos*, por Rabelo. Além do mais, o manuscrito representa mais um testemunho do intercâmbio poético entre Portugal e Brasil, e da circulação entre Europa e América não só dos textos (ainda que muitas vezes de forma precária, por causa das censuras metropolitanas e da proibição de imprimir no Brasil) como também dos autores, num universo poético certamente restrito, mas ainda assim vivaz e muitas vezes inovador.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Tomás Pinto. 1732. **PINTO RENASCIDO, EMPENNADO, E DESEMPENNADO**: PRIMEIRO VOO, Dirigido ao Excellentissimo Senhor DOM LUIZ JOSÉ LEONARDO DE CASTRO NORONHA ATAIDE E SOUZA, Undecimo Conde de Monsanto COMPOSTO POR THOMAZ PINTO BRANDAM. LISBOA OCCDENTTAL, NA OFFICINA DA MUSICA. M.DCC.XXXII. Com todas as licenças necessárias.

BRANDÃO. 1753. **PINTO RENASCIDO, EMPENNADO, E DESEMPENNADO**: PRIMEIRO VOO, Dedicado, e offerecido ao Senhor C[apita]m JOZE' DA COSTA PEREYRA, Cavaleyro professo da Ordem de Christo, e Familiar do S.Officio da Inquisição deste Reyno, Acrescentado com a vida de seu Author, e reimpresso Por Reynerio Bocache COMPOSTO POR THOMAZ PINTO BRANDAM. LISBOA: Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N.S. Anno de M.DCC.LIII.

BRANDÃO. 1976. **Este é o bom governo de Portugal**. Prefácio, leitura de textos e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América.

BRANDÃO (s/d). **Romance Em Dialogo**, Em que falaõ douz que nam sabem, A saber Hum Macaco, e seu Dono Despedindose de Lx.a Composto Por Thomaz Pinto Brandâm Natural do Brazil. Manuscrito. 17 f.

CASTELO BRANCO, Camilo. 1879. **Cancioneiro Alegre** (de Poetas Portuguezes e Brazileiros). Porto: Silva Teixeira.

CASTRO, Ana Regina de, BARRETO, Cíntia Cecília e SOUTO, Clara Maria Ferreira. 1999. Inventário analítico do Arquivo Darci Damasceno. **Anais da Biblioteca Nacional** v.119, 1999. p.169-307.

LA REGINA, Silvia. 2006a. Manuel Pereira Rabelo, autor de **A vida do Doutor Gregório de Mattos**: um fantasma da literatura brasileira. **Estudos Linguisticos e Literários** 33-34, jan-dez 2006, p.169-198.

LA REGINA. 2006b. A transmissão da Vida do Doutor Gregório de Mattos, de Manuel Pereira Rabelo, no quadro do acervo dos manuscritos gregorianos. In: **X Congresso Internacional da ABRALIC, 2006**, Rio de Janeiro. Congresso Internacional da ABRALIC. 10. Rio de Janeiro. CD-ROM.

MATTOS, Gregório de. 1775. **As obras poéticas do Dor Gregorio de Mattos Guerra** Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 1º Bahia anno de 1775. Códice manuscrito.

PALMA-FERREIRA, João. 1976. Prefácio. In BRANDÃO, 1976. p.5-18.

PERES, Fernando da Rocha. 1971. O Pinto novamente renascido. **Universitas** –Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia n.8-9, jan/ago 1971, p.215-249.

PERES. 1982. De novo o Pinto Renascido. **Universitas** –Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. n.30 maio/agosto 1982. p.49-58.

PERES, Fernando da Rocha; LA REGINA, Silvia. 2000. **Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos**. Salvador: Edufba.

RABELO, Manuel Pereira. 1990. Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra, in Gregório de Matos. **Obra Poética**. Ed. James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990, II, p.1251-1270.